

... Cadernos :: edição: 2004 - Nº 24 > Editorial > Índice > Resumo > Artigo

## **Burnout docente no trabalho com a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais**

**Maria Inês Naujorks  
Evandir Bueno Barasuol**

O presente estudo objetiva identificar a incidência do Burnout em professores da rede comum de ensino do município de Três de Maio - RS, que trabalham com alunos com necessidades educacionais especiais - NEE incluídos, provenientes da Escola Especial Helen Keller. Sabe-se que ensinar exige conhecimento, pesquisa, competência profissional e, acima de tudo, querer bem aos educandos, sendo, portanto, uma tarefa extremamente complexa. Percebe-se que essa complexidade tende a aumentar à medida que o professor se depara com aquele aluno que "não aprende", aluno com necessidades educacionais especiais - NEE -, haja vista tal aluno apresentar limitações que dificultam seu processo de aprendizagem. Isto poderia estar levando o docente a se sentir impotente frente às dificuldades do aluno, visto que, inconscientemente, estaria trazendo à tona todo um sofrimento seu, o qual poderia estar vinculado à sua história acadêmica e/ ou de vida. O desejo de entender de forma mais profunda os sentimentos e emoções desse professor, que se diz "tocado" ao lidar com alunos com necessidades educacionais especiais, e a necessidade de compreender sua angústia ao interagir, em âmbito de sala de aula, com o aluno com NEE, é que motiva o desenvolvimento desta pesquisa. O texto pretende propor uma discussão a partir de alguns recortes do referencial teórico construído até o momento, e que apontam para a urgência de estudos que possibilitem resgatar no professor o desejo de continuar buscando seu ideal com prazer...sem sofrimento... sem desistir.

Palavras-chave: Burnout. Professor. Alunos com necessidades educacionais especiais.

### 1 Apresentação

"Na consciência de suas limitações, este profissional percebe que as metas desejadas muitas vezes não podem ser cumpridas. A impossibilidade de realização plena do educador, o retorno à realidade crua das dificuldades cotidianas o impele para a dor, no sentido de sofrimento interno, muitas vezes surdo, mas sempre corrosivo"(Vasques-Menezes & Gazzotti, 1999, p.374).

Alunos com necessidades educacionais especiais - NEE - durante muitos anos permaneceram em escolas especiais como único lugar possível para os mesmos. A partir de uma discussão maior acerca da inclusão e com o surgimento da Lei de Diretrizes e Bases, as Escolas regulares passaram a receber estes alunos. Diante dessa realidade os professores freqüentemente demandam à escola especial, procurando "ajuda" para dar conta de seu sofrimento, sua angústia, sua impotência e seu despreparo frente ao trabalho com estes alunos.

Os professores da rede comum de ensino do município de Três de Maio -RS, nas diversas oportunidades de encontros, tem evidenciado, através de seus discursos, sintomas que se traduzem em indicadores de Burnout. Percebe-se que, mesmo os docentes que trabalham com alunos cujo desenvolvimento é o esperado, apresentam indicadores de fadiga e desgaste emocional. Em relação aos professores que trabalham com alunos com NEE, onde as exigências pedagógicas e afetivas são maiores, observa-se que o desgaste é maior.

Em meio às leis, às normas, às declarações que propõem a inclusão do aluno com necessidades educacionais especiais, está o professor que deverá intermediar, que será a ponte, que terá sua parcela de responsabilidade pelo sucesso ( ou não) desse processo inclusivo.

Ouvindo esses professores, em relação as suas queixas e impossibilidades, pensa-se que estejam relacionadas à abstração que envolve o aprender - esse aprender de quem não aprende- que exige do professor mais estudo, mais conhecimento, mais pesquisa. Isto poderia estar levando o docente sentir-se impotente frente às dificuldades do aluno, o qual, inconscientemente, estaria trazendo à tona todo um sofrimento seu, que poderia estar vinculado à sua história de vida.

Percebe-se, também, que nem todos os professores que trabalham com alunos com necessidades educacionais especiais expõem seus sentimentos sobre seu fazer educativo junto aos mesmos. Portanto, não se sabe como estes professores "lidam" com estes alunos.

O professor, de forma geral, foi preparado para trabalhar com alunos que "aprendem" e, portanto, adaptados ao contexto escolar. Isso gera uma rotina e, também, segurança ao professor. Porém, quando

o mesmo se depara com o “não aprender” e com suas próprias limitações, isso leva a pensar em uma inadaptação do mesmo a essa nova realidade, gerando angústia e sofrimento.

Escutando a queixa de alguns professores, percebe-se que os mesmos não foram preparados – não tiveram em seu currículo acadêmico embasamento teórico voltado à área da Educação Especial - para lidar com alunos com necessidades educacionais especiais e, quando se deparam, em suas salas de aula, com estes alunos, nem sempre recebem da escola o suporte necessário para lidar com suas próprias ansiedades e/ ou limitações.

Frente a essa realidade que aos poucos vem se delineando no que tange ao processo inclusivo, questiona-se: O que está levando esse professor angustiar-se, cansar-se, tornar-se desanimado? Essa questão faz emergir a pergunta: Isso é Burnout? Face a essa dúvida, o que se quer é identificar a incidência do Burnout em professores da rede comum de ensino, que possuem em suas classes alunos incluídos.

Portanto, estamos desenvolvendo um estudo que tem como objetivo conhecer sentimentos dos professores de escolas da rede comum de ensino, quanto ao sofrimento emocional associado ao trabalho pedagógico com alunos com necessidades educacionais especiais. Este estudo vem sendo desenvolvido no município de Três de Maio - RS e envolve professores que tem alunos incluídos, provenientes da Escola Especial Helen Keller.

No atual momento da pesquisa, já foi construído o referencial teórico, bem como definidos os procedimentos metodológicos (tipos de estudo, sujeitos, local, instrumentos de coleta de dados).

Neste artigo, o que se pretende é propor uma discussão preliminar, a partir de alguns recortes do referencial teórico, até então construído e que apontam para a urgência de estudos que possibilitem resgatar no professor o desejo de continuar apostando no seu fazer profissional, com mais prazer e menos sofrimento... sem desistir.

## 2 Docência: a busca de segurança? ou... um caminho de incertezas?

Fazer percursos, que até então pareciam rotineiros, seguros e tranquilos – como trabalhar com alunos “normais”, em que o aprendizado ocorre mais facilmente, de certa forma, correspondendo às expectativas do professor – para aventurar-se a desbravar caminhos permeados de incertezas, onde nada está pronto, tudo está por fazer, em que o nível de exigência do social sufoca, atemoriza, incomoda e mostra falhas, vai exigir do professor uma “overdose” de criatividade e, como se não bastasse, ele necessitará trabalhar com suas perdas, ou seja, elaborar o luto... luto do mundo acadêmico, dos saberes tradicionais e unilaterais, do professor idealizado, do aluno perfeito, de um modelo de escola e de ensino... enfim, luto de uma parte de sua história pessoal e escolar que, querendo ou não, são constitutivas de sua identidade e farão parte de sua formação.

Poderia dizer-se que foi nos meandros de uma estrada por vezes, tortuosa, onde se intercalaram certezas e incertezas, sucessos e fracassos, querer e não querer, ditos e não ditos... enfim, que foi nesse constante e inexorável ir e vir que surgiu a pessoa do professor banhada pelo social, impregnada pelos valores, crenças, mitos, estilos, modelos dos grupos pelos quais passou e/ou pertenceu e, portanto, constitutivos de sua história. Uma história pautada pela diversidade, onde as diferenças, percebendo ou não, sempre fizeram parte da caminhada do professor.

Poder-se-ia pensar que, para trabalhar com alunos com NEE, portanto, diferentes, seria necessário, ou até imprescindível, que o professor, também, fosse diferente. Mas diferente em que? Essa questão faz lembrar da fala de uma professora de alunos com necessidades educacionais especiais - “ Sempre fui lenta em minha aprendizagem, repeti várias vezes as séries iniciais... passei por várias escolas... ouvi pessoas da família dizerem que eu tinha um retardo... passaram-se os anos e hoje estou aqui, professora de alunos que, também, apresentam dificuldades... acho que me identifico com eles...” .

essa dificuldade em sua vida acadêmica, talvez tenha sido o motivo que levou essa professora voltar seu olhar para aqueles que, como ela, também apresentam dificuldades em seu processo de aprendizagem. Uma professora trazendo sua história de fracassos, de exclusão, de rótulos... porém, encontrando sua identidade junto aqueles que “não aprendem”. Percebe-se que, nas tramas da história trazida por esta professora um certo processo de identificação passa a ir se organizando. Diria que a aproximação com alunos com NEE se dá pela identificação com estes que de alguma forma como ela (professora) não são entendidos.

Porém, essa não é a realidade da maioria dos professores e das escolas que estão numa constante busca do aluno ideal, que aprende, que é disciplinado, que faz sucesso, que promete um futuro promissor, enfim que corresponde aos ideais do professor e da instituição de ensino que o acolhe.

Reporta-se aqui, aqueles docentes que trazem em sua fala uma queixa constante, um sofrimento por não conseguirem lidar com esse aluno diferente – diferente porque não aprende ou tem um comportamento inadequado frente as exigências do professor e da instituição -. Muitas vezes, os alunos com dificuldades, com NEE, podem ser uma ameaça à identidade e auto - estima do professor. Vê-se

que, os professores assim como os alunos tem suas singularidades, seus diferentes tipos de personalidade que poderão influenciar na formação de vínculos, no fazer pedagógico e, por que não dizer, também, no seu "estado emocional".

A abordagem de Benevides – Pereira é pertinente quando ela diz:

As variáveis relativas à personalidade são as que tem demonstrado forte interferência no desencadeamento do Burnout. As características de personalidade interagem de modo complexo com os agentes estressores tanto no sentido de incrementá-los, como, ao contrário, inibi-los ou eliminá-los. Diferenças de personalidade fazem com que os sinais e os sintomas se apresentem de diferentes formas e grau de intensidade (2002, p. 54).

Observa-se que, dentre os professores que lidam com alunos com necessidades educacionais especiais, existem aqueles que possuem um elevado nível de exigência em seu fazer diário: gostam de tudo organizado e não suportam "ver nada fora de lugar". Consideram-se, muitas vezes, perfeccionistas. E, nesse querer tudo organizado, em ordem, incluem o estar em ordem e organizado do aluno. Nem sempre o aluno com NEE vai conseguir corresponder a essa expectativa, a esse pedido de organização e perfeição do professor. É comum, também, aquele professor que, preocupado com o tempo e com o "vencer conteúdos" exigir rapidez e agilidade de seus alunos, esquecendo-se que o ritmo desse aluno especial tende a ser lento. Neste sentido vale lembrar a abordagem de Vasques-Menezes quando ela refere que "estudos têm demonstrado que determinadas características da personalidade podem levar a uma maior vulnerabilidade a Burnout como locus de controle externo, baixa resistência egóica, intolerância e ambigüidade de papéis (profissional-mãe-esposa-filha)" (2002, p.204).

Essas características da personalidade do professor, tais como o perfeccionismo e o ritmo rápido, tendem a dificultar o processo de aprendizagem, especialmente com o aluno com NEE. Isso poderá levar o educador a desmotivar-se, a frustrar-se, desenvolvendo um sofrimento tal, que afete seu cotidiano junto ao aluno.

Esteves refere que " a complexidade da tarefa que o professor assume e a considerável fragmentação de sua atividade, produzida, em boa parte, pelo aumento das expectativas projetadas sobre eles, o que propicia que o acúmulo de tensão dirija-se ao desenvolvimento de uma ansiedade perturbadora" (1999, p. 154).

Se ensinar exige conhecimento, pesquisa, reflexão, competência profissional, comprometimento, convicção, tolerância, respeito e, acima de tudo querer bem aos educandos como nos mostra Paulo Freire (1996), então está-se diante de uma tarefa extremamente complexa. E, percebe-se que essa complexidade tende a aumentar a medida que o professor depara-se com aquele aluno que "não aprende". Refiro-me aqui ao aluno com necessidades educacionais especiais - NEE. Tendo em vista, tal aluno apresentar limitações que dificultam seu processo de aprendizagem.

Além disso, muitas vezes, o professor para dar conta de sua "ensinagem" vê-se assumindo vários papéis: de mãe, de médico, de enfermeiro, de psicólogo, simultaneamente ao seu verdadeiro papel, que é o de educador. Esse cotidiano do profissional professor tende a levar a uma fragmentação de sua atividade e fragilidade na sua identidade.

Essa idéia reforça-se nas palavras de Carlotto:

Os professores sofrem as conseqüências de estarem expostos a um aumento da tensão no exercício de seu trabalho, cuja dificuldade aumentou, fundamentalmente pela fragmentação da atividade do professor e o aumento de responsabilidade que lhe são exigidas, sem que, em muitas situações, tenham os meios e condições necessários para responder adequadamente(2002, p.189).

Observa-se, também, que o nível de expectativas projetadas, não só pelo social, mas, principalmente, pelos familiares do aluno com NEE sobre o professor, tende a aumentar sua ansiedade, podendo levar o professor a angustiar-se, a sofrer emocionalmente, e por que não dizer, a entrar em Burnout.

3 Burnout: um "queimar" que dilacera... que deixa triste...que faz desistir...

"Burnout é o nome da dor de um profissional encalacrado entre o que pode fazer e o que efetivamente consegue fazer, entre o que deve fazer e o que efetivamente pode, entre o céu de possibilidades e o inferno dos limites estruturais, entre a vitória e a frustração"(Vasques-Menezes & Gazzotti, 1999, p. 374).

Burnout é um termo que vem do inglês e, na sua origem burn – out, significa queimar para fora. É como se a energia que move e que dá vida ao ser humano fosse "jogada para fora", fosse perdida e, nesse perder a energia o sujeito chegaria ao seu extremo, praticamente, sem possibilidades físicas ou mentais de seguir no seu fazer diário. Conforme Benevides-Pereira, entende-se Burnout como sendo "a resposta a um estado prolongado de estresse, ocorre pela cronificação deste, quando os métodos de

enfrentamento falharam ou foram insuficientes. (...) está relacionado com o mundo do trabalho, com o tipo de atividades laborais do indivíduo" ( 2002, p. 45).

Em relação ao sentir-se triste e ao sofrer do professor, Soratto & Olivier-Heckler trazem uma abordagem interessante, quando dizem: "O trabalho de professor é revestido de características tão peculiares que ele não pode se dar ao luxo de sofrer, de ficar cansado(...). Não pode se dar ao luxo de ficar triste, pois sua tristeza certamente prejudicará o desempenho dos alunos, já que para eles o professor é o baluarte, uma fortaleza"(1999, p.98,99).

Pensa-se que essa foi uma maneira peculiar que as autoras encontraram de fazer ver a elevada exigência que o social, a comunidade escolar tem em relação ao professor, e isso é um tanto quanto contraditório, pois ao mesmo tempo em que se exige do professor humanismo, carinho e afeto para com seus alunos, exige-se também, que o mesmo não externar seus sentimentos de tristeza e sofrimento. Será que essa extrema demanda, do social e da comunidade escolar, por um "professor equilibrado" não estaria causando justamente o contrário? Ou seja, um professor "desequilibrado", "sofredor", entrando em Burnout?

Nos estudos realizados até hoje, sobre esse tema, os pesquisadores apontam que o Burnout seria uma resposta ao stress laboral crônico. Porém existem diferenças entre esse dois vocábulos. Enquanto o primeiro caracteriza-se por uma espécie de "rejeição" aos outros – alunos, organização e trabalho -, o segundo atinge o indivíduo em si, é um esgotamento pessoal, não afetando sua relação com o trabalho.

O burnout é uma desistência de quem ainda está lá, encalacrado em uma situação de trabalho que não pode suportar, mas que também não pode desistir. O trabalhador arma, inconscientemente, uma retirada psicológica, um modo de abandonar o trabalho, apesar de continuar no posto. Está presente na sala de aula, mas passa a considerar cada aula, cada aluno, cada semestre, como números que vão se somando em uma folha em branco. (Codo & Vasques-Menezes, 1999, p. 254).

Considerada como uma reação à tensão emocional constante originada do trabalho envolvendo o contato permanente com pessoas, sejam elas pacientes ou alunos, essa enfermidade leva o profissional a uma total desmotivação, fazendo-o perder o sentido na sua interação com o trabalho, de maneira que sinta qualquer esforço como algo inútil e desnecessário. "Começa com uma sensação de inquietação que aumenta à medida que a alegria de lecionar gradativamente vai desaparecendo" ( Reinhold, 2002, p.64).

O que leva a essa aparente "paralisação"? O que leva a esse "desistir sem desistir" daqueles cuja essência do trabalho é justamente cuidar/aproximar/vincular/ ensinar?

Questões essas, levam a pensar no processo de formação desse professor, pois, o aporte teórico recebido na formação universitária e o conhecimento específico na área de educação especial são necessários para o professor iniciar sua caminhada rumo ao processo inclusivo com os alunos com necessidades educacionais especiais- NEE. Porém como são alunos que apresentam características singulares (limitações tanto físicas como mentais que dificultam seu processo de aprendizagem), irão exigir do professor um olhar para além do pedagógico, um olhar de cuidador. Sim, esse professor, em muitos momentos ou situações, irá, literalmente, cuidar desse aluno, seja no sentido de observar se o mesmo, com seu ritmo lento, está acompanhando a aula; verificar se tomou o remédio prescrito para controlar as crises convulsivas- remédio que levou para a escola porque coincidia com o horário das aulas- ou, acompanhar o aluno em suas brincadeiras, no intervalo, junto aos colegas, pois seu comportamento, por vezes agressivo, é inadequado às exigências da escola. Essa assistência que o professor, quer queira quer não queira, dispensa ao seu aluno especial, quotidianamente, pode levar a um "cansaço", a um sofrimento tal que chegue ao Burnout, pois, reforça Benevides-Pereira "O Burnout incide principalmente nos que ajudam, prestam assistência ou são responsáveis pelo desenvolvimento de outros, (...) enfim, cuidadores em geral" (2002, p. 59).

#### 4 Docente ou "cuidador": qual é o lugar ocupado pelo professor de alunos com nee?

Esse lugar de "professor-cuidador" para o qual, provavelmente, não foi preparado em sua caminhada acadêmica e profissional, exige do docente uma responsabilidade dobrada e atenção constante, levando-o a envolver-se mais com esse aluno especial, criando vínculos que podem ser afetivos ou, apenas de obrigação, associado ao ato de cuidar. Esse cuidado incessante fazendo parte do cotidiano do professor, pode levar a um esgotamento, tanto físico como emocional, associado a um desejo de desistência, de não suportar mais estar nesse lugar. Nesse sentido resgata-se novamente Benevides – Pereira quando ela alerta que "Algumas características relativas ao cliente, ou pessoa receptora do trabalho e dos cuidados do profissional, podem favorecer o Burnout. (...) O contato com o sofrimento e a morte, principalmente de crianças, tem sido referido como uma das principais causas do Burnout em profissionais de saúde" (2002,p. 61). Essa ênfase da autora vem reforçar a idéia de que o Burnout pode, sim, estar "enredando", também, aquele profissional da educação cujo trabalho caracteriza-se por um contato muito estreito com o aluno com NEE. "Quanto mais próxima e intensa a relação do trabalhador com a pessoa a que deve atender profissionalmente, ou em sua ocupação, com no caso de cuidadores de pessoas com necessidades especiais (deficientes mentais, AIDS, Alzheimer, etc.). maior a probabilidade de se desencadear o processo de Burnout" ( Benevides – Pereira. 2002. p.

60).

O processo de aprendizagem que envolve professor-aluno, no cotidiano do ensinar, exige uma certa proximidade entre ambos. Já, no fazer pedagógico junto aos alunos com NEE, o nível de proximidade aumenta, ou seja, a intensidade da relação é para além do “desenvolver um conteúdo” para um sujeito que aprende nos moldes tradicionais. É mais que isso. É um estar próximo que envolve, por vezes, contato corporal: auxiliar o aluno em algumas atividades da vida diária (por exemplo, aquele aluno que sofreu uma lesão cerebral em que foi comprometida a área motora e não consegue ir ao banheiro sozinho, atar o cadarço do tênis, pegar o lápis, etc) e, em tarefas pedagógicas na sala de aula.

Esse contato tão próximo e diário com o aluno com NEE, irá exigir, não só fisicamente mas emocionalmente do professor e, poderá desenvolver no mesmo (professor), sinais e sintomas de sofrimento que apontam para o Burnout.

A presença do Burnout nos educadores é, hoje, tida como um grave problema social, tanto que, são inúmeros os estudos sobre essa síndrome em vários países. A existência de um quadro sintomático do Burnout é extremamente preocupante, na medida em que afeta uma das capacidades mais importantes da prática docente, que é a interação com o aluno.

Portanto, conforme Vasques-Menezes & Ramos “O burnout nada mais é do que a expressão dessa sensação de impotência frente aos problemas que se acumulam onde o professor perde a ilusão pelo trabalho que realiza, de forma que as coisas já não o importam mais e qualquer esforço parece inútil. O trabalho continua, mas sem crença, sem sonho, sem ideal” (1999, p. 361).

Esse “desistir sem desistir”, ou seja essa presença, diria, apenas corporal do professor junto aos seus pares e alunos, essa “saída psicológica”, esse “sair sem sair”, de forma sutil, contínua, provavelmente, tenha sido a forma que o mesmo (professor) encontrou - sem se dar por conta- para lidar com seu sofrimento. Essa alternativa que o professor, talvez, inconscientemente, buscou para minimizar sua angústia, provavelmente não reduza seu sofrimento e, sim, só sirva para colocar seus colegas, alunos e, até pais, contra si próprio.

---

#### Referências Bibliográficas

- BENEVIDES – PEREIRA, A. M. T. ( org.). Burnout: Quando o trabalho ameaça o bem – estar do trabalhador. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.
- BRASIL. Ministério da Educação. LDB – Lei de Diretrizes e Bases.
- CARLOTTO, M. S. Síndrome de Burnout e satisfação no trabalho: Um estudo com professores universitários. In: BENEVIDES-PEREIRA (org.). Burnout: Quando o trabalho ameaça o bem – estar do trabalhador. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.
- \_\_\_\_\_. A Síndrome de Burnout e o trabalho docente. Psicologia em Estudo, Maringá, v.7, n.1, p. 21-29, jan./jun. 2002.
- CODO, W (coord.). Educação: carinho e trabalho. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- CODO, W; VASQUES-MENEZES, I. O que é Burnout? In: CODO, W. (coord.). Educação: carinho e trabalho. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- ESTEVEZ, J. M. O mal – estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores. Bauru, SP: EDUSC, 1999.
- FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 8.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- REINHOLD, H. O Burnout. In: LIPP, M.(org). O stress do professor. Campinas, SP: Papius, 2002.
- SORATTO, L. & OLIVIER-HCKLER, C. Os trabalhadores e seu trabalho. In: CODO, W. (org.). Educação: carinho e trabalho. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999
- VASQUES-MENEZES, I. & GAZZOTTI, A . A si mesmo como trabalho. In: CODO, W. (org.). Educação: carinho e trabalho. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999
- VASQUES-MENEZES, I. & RAMOS, F. O Brasil, seus estados e o sofrimento psíquico dos professores. In: CODO, W. (org.). Educação: carinho e trabalho. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- VASQUES-MENEZES, I. Saúde mental e trabalho: aplicações na prática clínica. In: CODO W. & JACQUES M.G. (org.). Saúde mental & trabalho: leituras. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

---

[Edição anterior](#)

[Página inicial](#)

[Próxima edição](#)

Cadernos :: edição: 2004 - Nº 24 > Editorial > Índice > Resumo > **Artigo**